



REVISTA NÓS

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS

VOL. 10, Nº 2, 2º SEMESTRE DE 2024

ISSN 2448-1793

ENTREVISTA: EMÍLIO VIEIRA

DOI: <https://10.5281/zenodo.14984384>
Envio:10.11.2024 - Aceite:10.12.2024

Jacqueline Siqueira Vigário

Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), membro do Grupo de Estudos de História e Imagem (GEHIM/UFG). Professora de História da Arte no Ensino Fundamental.

Jacqueline Siqueira Vigário entrevistou Emílio Vieira durante as pesquisas que realizou para seu doutorado¹, defendido em 2017 no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Eles falaram sobre o contexto de modernismo em Goiás durante a década de 1950, em que o artista Frei Nazareno Confaloni foi peça fundamental com os projetos de renovação artística, característica do ambiente artístico goiano do início dos anos de 1950.

Vieira faleceu em outubro de 2024 e, além de professor da Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG), onde foi titular da cadeira de História da Arte e Estética, atuou em diversos setores culturais: foi crítico literário e artístico, diretor do Instituto do Livro em Goiás e membro da Academia Goiana de Letras (AGL). Ele deixou um legado literário e acadêmico importante, com livros sobre crítica literária, poesia, estudos sociológicos, jurídicos e história da arte em Goiás².

Diante da ideia desse dossiê refletindo os primeiros setenta anos da Escola Goiana de Belas Artes - EGBA (2023), e o importante papel de Emílio Vieira como crítico de arte em Goiás, surgiu a ideia de homenageá-lo publicando esta entrevista que, afinal, trata da sua relação e de sua crítica ao trabalho do Frei Nazareno Confaloni, um dos fundadores da EGBA.

Os Editores.

¹ VIGÁRIO, Jacqueline Siqueira. Diante da sacralidade humana: produção e apropriações do moderno em Nazareno Confaloni (1950-1977). 2017. 420 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

² Com informações constante da Nota de Falecimento da UFG, disponível em: <https://ufg.br/n/185032-nota-de-falecimento>.

J.S.V. A Crítica em Goiás foi institucionalizada?

E.V. No sentido da existência de instituições oficiais que tenham encampado as atividades dos críticos de arte, não. Mas no sentido da vinculação de intelectuais a instituições culturais, sim. A crítica em Goiás foi geralmente feita por escritores e jornalistas, bem como professores de arte, ligados às suas respectivas instituições, mas em sentido impressionista e não em caráter sistemático. Só o escritor Miguel Jorge, ao que consta, era inscrito na Associação Brasileira de Críticos de Arte. No entanto, não há como negar a existência de uma visão crítica da arte em Goiás, tendo como foco as obras de alguns artistas que se destacaram em suas respectivas poéticas. Há, no entanto, farta documentação jornalística consistente de artigos de interpretação crítica e de apresentações em catálogos que envolvem diversos aspectos estéticos e temáticos de artistas goianos, enriquecendo preferencialmente a bibliografia específica no campo da história das artes visuais. Fazer crítica de arte, em sentido mais amplo, não é apenas exercer julgamento sobre a criação artística. A nosso ver, a função precípua da crítica não é julgar, é analisar. Análise, no sentido etimológico da palavra, ou seja, de separação das partes de um todo. A obra de arte é um todo do qual o crítico separa cada parte para deduzir da criação artística suas unidades de sentido. Analisar implica necessariamente emitir juízo de valor, mas evidenciar a partir da composição ou elaboração formal da obra, sua pretensa finalidade como objeto estético. Não se trata, também, numa visão positivista, de aplicar aprioristicamente um método ou modelo ao qual se submeta determinada obra. Cada obra de arte sugere por si mesma, por sua própria estrutura íntima, os pressupostos aplicados para sua avaliação. Nesse sentido a crítica de arte é também um ato criativo e não mero procedimento técnico. O crítico deve fazer o papel de interprete que se coloca como intermediário entre o autor e o fruidor da obra.

J.S.V. Quem eram os críticos em Goiás?

E.V. Eram e são ainda, como dito, escritores, jornalistas e professores de arte ligados às suas respectivas atividades e que fizeram crítica de arte mais por diletantismo do que por

profissionalismo. Dentre os escritores e jornalistas, destacam-se os nomes de José Godoy Garcia, Brasigóis Felício e Miguel Jorge estes dois últimos vinculados à Academia Goiana de Letras.

J.S.V. Qual a relação dos críticos com instituições culturais?

E.V. A crítica de arte ou de literatura em Goiás foi sempre exercida eventualmente por pessoas ligadas às instituições culturais, tais como universidades e agremiações do tipo Academia Goiana de Letras, União Brasileira de Escritores - Seção de Goiás, e Associação Goiana de Imprensa, sem contar a participação de órgãos oficiais presentes na promoção de eventos, encontros ou debates, promovidos esporadicamente.

J.S.V. Onde esses críticos se reuniam?

E.V. Como os críticos eventuais não estão ligados profissionalmente a instituições que agasalhem suas atividades, não costumam reunir-se para os fins específicos de suas funções nos respectivos órgãos aos quais pertencem, a não ser, como dito, esporadicamente em ocasiões de eventos que requeiram sua participação, tipo concursos, simpósios ou exposições coletivas.

J.S.V. Os críticos em Goiás eram amigos dos artistas?

E.V. Geralmente sim, dada a convivência amistosa da classe intelectual com os profissionais ligados a diversas áreas da cultura e à aproximação com os artistas plásticos, muitos dos quais ligados às mesmas instituições. Nesse sentido o fator amizade sempre influenciou na relação dos críticos com os artistas em Goiás.

J.S.V. Qual era o status de Confaloni no meio dos intelectuais em Goiânia?

E.V. Era sem dúvida, reconhecido por todos como o mestre e pioneiro das artes visuais em Goiás no campo da pintura. Até porque foi um dos fundadores da Escola Goiana de Belas Artes em 1953, transformada na atual Escola de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). O Frei Nazareno Confaloni estava ao centro de todas as atividades ligadas

às artes, além de manter estreita convivência com artistas, muitos dos quais ex-alunos que frequentavam seu ateliê.

J.S.V. Você acha que Confaloni era moderno?

E.V. Moderno no sentido de inovador em experiência formais, sim, mas não no sentido de ruptura com a tradição pictórica, que continuou presente na base de suas composições plásticas. Em suas obras se notam sempre presentes os princípios de ritmo, equilíbrio, simetria, proporção, inerentes à racionalidade clássica. Suas cores eram preferencialmente claras, leves e puras, revelando um mundo interior rico de serenidade e equilíbrio. Pense-se num Fra Angélico que tivesse incorporado à sua composição clássica o desenho expressionista moderno, revestido de cores espalhadas com espátulas largas. Essa seria a primeira experiência de síntese realizada por Confaloni, que trouxe da Itália a influência do pintor renascentista com cuja obra convivera no convento dos beneditinos em Florença. Pense-se num Portinari que trabalhou o conceito de deformação da parte sem romper com o princípio de harmonia com o todo. É o que por si só seria o exemplo de clássico moderno em Confaloni. A sua pintura parece fundada em aspectos lúdicos que refletem a ideia de uma educação estética compensando, pelo ideal de beleza, as deformações humanas. O sincretismo estético (não confundir com ecletismo) de Nazareno Confaloni consistiu em tirar efeito de precedentes experiências pictóricas com que enriquecia sua pintura, sem prender-se a padrões estéticos, sempre em busca de soluções de linguagem e de enriquecimento dos meios de expressão que vão além do mero experimentalismo formal. Para um pintor de formação clássica e de vivência europeia que logo assimilou o espírito do modernismo brasileiro, é de fundamental importância ver o aspecto evolutivo de toda a sua produção artística em conjunto. Nesse sentido, seria interessante levantar algumas aproximações que elucidariam os desafios que Confaloni enfrentou para definir seu estilo inconfundível. Por exemplo, entre Nazareno Confaloni e Primo Conti, conforme sugere PX Silveira em seu livro *Conhecer Confaloni* (Goiânia, 2007), no tocante à afinidade ideológica e às experiências formais que ambos desenvolveram no início de suas carreiras. No Brasil, cabe também um paralelo Confaloni/Portinari quanto ao desenho e ao plano compositivo,

em que Confaloni supera talentosamente um possível maneirismo (por sinal presente em outros artistas goianos em relação a outros modelos), encontrando seu estilo pessoal dentro do sincretismo pictórico. O expressionismo telúrico de Confaloni, que se caracteriza pela concepção de personagens representados como tipos de feição regional, com traços fortes e incisivos, num desenho assimilado depois de contato com Portinari, consiste uma fase marcante, embora não definitiva da pintura confaloniana. Esse sincretismo pictórico a que chegou resulta na combinações de soluções compositivas e de traços bem delineados que vão do desenho clássico ao desenho expressionista, associado a um colorido que resulta da combinação de cores naturais e tons emocionais fortes, num sentido de expressão poética e lírica. Em síntese, esses recursos estilísticos condensam a linguagem pictórica de Nazareno Confaloni. Consciente disso, o próprio artista anota no rodapé de um de seus projetos (da coleção particular de sua ex-aluna Saída Cunha), que serve como importante subsídio para a estudo da evolução estética em Goiás: "Apresento para a cultura goiana a minha última experiência pictórica sem a pretensão de novas propostas: apenas o esforço e o anseio de fazer boa pintura". Caberia aqui também focar a experiência conjunta de Nazareno Confaloni e Siron Franco para a produção de uma série de madonas em 1977, quando os dois artistas trabalharam juntos no ateliê de Confaloni junto ao Convento São Judas Tadeu de Goiânia. Foi também uma tentativa de sincretismo pictórico inédito na história das artes em Goiás. Isso motivou, a propósito, um artigo que escrevi na época, sob o título Encontro e desencontro: Confaloni/Siron, publicado no JOrنال O Popular, em Goiânia, 30.01.1977, mostrando alguns pontos de identidade e diversidade entre os dois pintores: o italiano que se abrigou, o brasileiro que se internacionalizou. Pode-se dizer que Siron Franco é por sua vez um continuador de Nazareno Confaloni, na linha do expressionismo existencial, guardadas as diferentes visões de mundo, entre o plano social de um e o plano religioso de outro. É o próprio Siron Franco quem declara, em entrevista certa vez concedida a Miguel Jorge: "Penso que nossa história artística teve início com Frei Confaloni, que pintava suas figuras distorcidas, estranhas, sofridas, como somente ele sabe pintar". (texto extraído dos originais de um livro a sair, de Emílio Vieira, sob o título Arte Goiana em perspectiva histórica).

J.S.V. Comparando Confaloni a outros artistas, quais as diferenças e semelhanças em relação a visualidade de Confaloni e algum outro artista que você conhece, brasileiro ou não?

E.V. Além dos artistas enfocados na resposta anterior, poderíamos focar também um paralelo que desenvolvi sobre Confaloni e Beato Angélico, sob o título "Cristo italiano, Cristo brasileiro, publicado no meu livro *Itália mater* (Goiânia, Kelps, 2012, p. 75 a 89). Destaco, a pretexto de ilustração, a seguinte observação quanto às suas respectivas propostas: "Tanto Beato Angélico quanto Frei Confaloni, em diferentes épocas, procedeu a uma conciliação de opostos, buscando alcançar fins concretos com a linguagem da arte. Beato Angélico, no duro tempo renascentista mesclado ainda de paganismo, via a arte comprometida com a beleza e em via de separar-se da religião. Frei Nazareno, em plena era modernista, via a arte dissociada do belo e da religião e comprometida com a problemática social. A visão de Confaloni se resume na dicotomia da arte como instrumento de denúncia e mensagem de redenção".

J.S.V. Você acha que Confaloni teve seguidores?

E.V. Acho que teve mais imitadores do que seguidores. A não ser implicitamente nos ideais estéticos assimilados por seus ex-alunos, visto que foi o formador da nova geração de artistas goianos.

J.S.V. Você acha que Confaloni influenciou alguém com o olhar social nas artes?

E.V. Naturalmente, pela própria temática social que ele desenvolveu, despertando um sentimento comprometido com a problemática existencial vivenciada em Goiás. Já em 1966, quando lançou seu *Albúm de desenhos* com apresentação de José Godoy Garcia, a visão do social é uma das peculiaridades levantadas em sua obra. Poderíamos destacar na sua temática, segundo demonstra José Godoy, os seguintes elementos recorrentes: naturalismo, realismo, crença no ser humano, espiritualidade e goianidade. Naturalismo - em sua pintura a representação parece ser a mesma das coisas como nascem pela mãos da

natureza. Realismo, uma pintura objetiva sem intenção de protesto, mas que nisto mesmo resulta, pela visão do real no que ele tem de degradante. Crença no ser humano - visto como um ser que sobrevive e resiste a tudo o que degrada na natureza. Espiritualidade - é cheio de bondade e dignidade em suas cores: nos tons claros, ou verdes suaves, refletindo uma imensa alma de criança contemplando o mundo. goianidade: - ressalta-se, no fundo real de sua pintura, um Goiás verídico, com a pobreza, a miséria social e a humildade dos tipos humanos por ele retratados. Tudo isso, no entanto, recriado com autenticidade clamorosa e numa plástica de insigne beleza.

J.S.V. Os críticos de Goiás tinham relações pessoais com o artista?

E.V. Sim, principalmente aqueles que foram seus contemporâneos e que acompanhavam sua produção artística, como reflexo da realidade cultural e social de Goiás, em diversos aspectos, para o que a sua arte concorreu como forte instrumento de conscientização. Nesse sentido, Frei Confaloni se destacou não só como artista, mas também como personalidade, que estava ao centro dos acontecimentos sociais em Goiânia, marcados por suas relações pessoais. Os traços de sua forte personalidade com influência social nunca foram ignorados pelos críticos.

J.S.V. Você acha que a crítica em Goiás foi isenta em relação à obra do Frei?

E.V. Talvez mais ausente que isenta. As manifestações críticas em Goiás foram quase sempre casuais ou episódicas. E quando feitas, geralmente consistiam de entrevistas com os próprios artistas em função de exposições ou apresentação de catálogos, o que pressupõe falta de um criterioso juízo de valor. Em relação à obra do Frei, sempre houve maior divulgação do que avaliação crítica.

J.S.V. Como você vê o processo de mudança nas artes plásticas em Goiás, e, se comparado com a literatura, há um desenvolvimento paralelo, ou as artes visuais foram mais além?

E.V. No meu mencionado livro em formatação, "Arte goiana em perspectiva histórica", abordo a propósito esse tema da relação entre a literatura e as artes visuais em Goiás. De

início, para se ter uma visão panorâmica dessa evolução, basta distinguir duas grandes fontes temáticas que se desenvolveram paralelamente: do homem e da natureza. A temática da natureza reporta ao romantismo, na literatura, e ao impressionismo, na pintura, com a presença dos pintores de vistas que exaltam os coloridos da paisagem goiana. O aspecto do naturalismo pictórico é ainda intensamente explorado na literatura e nas artes visuais, através de novas variantes estéticas que evoluem do romantismo ao impressionismo, do impressionismo ao abstracionismo (na escultura, um exemplo é Maria Guilhermina), ou ao expressionismo abstrato (um exemplo na pintura é Cleber Gouveia), além de outros artistas da nova geração. Esse naturalismo pictórico que preside as artes visuais goianas marca uma faceta do nosso regionalismo literário e deve-se ao fascínio e poder de sugestão que a natureza do Brasil central sempre exerce sob os artistas. Na literatura, o mesmo fascínio visual se impõe e já se destaca nas descrições paisagísticas dos poetas românticos, ora contemplativos do por-do-sol (a exemplo de um Félix de Bulhões), ora enamorados do luar da velha cidade de Goiás (ao gosto de um Joaquim Bonifácio, autor do famoso poema Noite goianas). Como fonte temática, a natureza está presente em primeiro plano na literatura goiana, desde o romantismo até o impressionismo, incluindo-se neste contexto autores paisagistas, a exemplo de Hugo de Carvalho Ramos, seguido por Bernardo Elis quanto aos aspectos poéticos de sua prosa pictórica. A temática humanista, por sua vez, desenvolveu-se em variantes estéticas que reportam a três vertentes sucessivas. Primeiro, numa visão neo-romântica, da relação homem/natureza. Segundo numa visão neo-realista, na relação homem/sociedade e terceiro, numa visão existencialista, da relação homem/vida. Nesta última perspectiva, o indivíduo aparece não mais associado a fatores externos, mas intrínsecos ou subjetivos, como portador de uma consciência existencial inquietante ante a atual crise de valores. Esta a vertente mais rica das artes visuais goianas, já filiadas às correntes do surrealismo e do expressionismo. Essa referência obriga mencionar aqui o nome de Nazareno Confaloni como iniciador do expressionismo telúrico em Goiás, de cunho portinariano. Mas a rigor, a corrente expressionista de hoje é protagonizada por vários artistas, a exemplo de Siron Franco cujas produções estão voltadas para o social e o existencial. Essa a nova visão que se desenvolverá

em diferentes planos, segundo a evolução que se conhecerá na literatura e nas artes visuais goianas, voltadas para a preocupação humanística.

J.S.V. O que a obra de Confaloni representou diante do que estava sendo feito aqui na época?

E.V. É preciso entender a presença do artista Confaloni na história da arte em Goiás, não só pelas inovações de sua linguagem artística, como também pela sua visão da arte como expressão de valores éticos e fatores sociais, com tamanha força de expressão igual ou maior do que a literatura e os demais meios de comunicação de ideias. É importante termos em mente, para a compreensão da evolução histórica das artes em Goiás, dois contextos culturais mais significativos - representados pela antiga em Vila Boa e a nova capital em Goiânia - para compreensão das transformações culturais aqui processadas com reflexo no campo artístico. As criações artísticas dos artistas vilaboenses, antes da chegada de Confaloni a Goiás, eram espontâneas e esporádicas e marcadas por influências estéticas recebidas por meio de gravuras e reproduções que vinham da Europa e especialmente de Portugal desde os tempos do Brasil Colônia. Apesar disso, a velha capital de Goiás tinha uma vida cultural expressiva para a época, se comparada com os demais centros culturais do país. É nesse contexto que afloram as primeiras vocações literárias e se destacam os primeiros vultos da literatura e das artes goianas. Já no período republicano, a antiga capital de Goiás sediava esporádicas manifestações culturais, que nem sempre se refletiam nas demais cidades do estado. E por sua vez, a velha capital estava ainda isolada dos principais centros culturais do país, onde já se formavam movimentos de vanguarda surgidos após a semana de Arte Moderna em 1922. A mudança da capital para Goiânia em 1937, propiciou o intercâmbio cultural desejado com reflexos positivos no campo das artes visuais, bem como de outras manifestações artísticas. Já em 1945, tinha-se fundado a Sociedade Pró-arte de Goyaz, que veio promover a primeira grande exposição de Artes Plásticas e Arquitetura em Goiânia, que arregimentou para o evento artistas das cidades vizinhas. Da sociedade Pró-arte surgiram os idealizadores da Escola de Belas Artes, criada em 1953, incorporada à Universidade Católica de Goiás, tendo a participação de Nazareno Confaloni

como um de seus fundadores. Vale lembrar que em 1954, Goiânia sediava o 1º Congresso Nacional de Intelectuais, importante acontecimento a que se seguiriam outros que iriam contribuir para colocar a jovem capital no circuito nacional. O memorável congresso de intelectuais, atraiu para Goiânia nomes consagrados como Pablo Neruda, Jorge Amado e outros, apresentando ambicioso programa de ação, conforme ressalta Aline Figueiredo em seu livro *Artes Plásticas no Centro Oeste* (1979). Mas apesar do programa elaborado pelos congressistas, o Brasil e Goiás estavam ainda longe de alcançar os objetivos almejados no plano das políticas de incentivo à cultura e as artes. Vale ressaltar que em 1962 foi criada em Goiânia outra escola superior de artes, agora Instituto de Belas Artes de Goiás - que se teria desligado do grupo da EGBA e lutara para a criação do novo instituto, que viria a ser incorporado em 1963 à Universidade Federal de Goiás, com a denominação de Faculdade de Artes. Goiânia logo se tornaria um laboratório criativo com a presença da faculdade de artes e o surgimento de ateliês de artistas plásticos profissionais, dentre eles Frei Nazareno Confaloni, que na EGBA atuava junto aos professores Gustav Ritter, Antônio Peclat, Luiz Curado, José Veiga, Jorge Felix de Souza, Maria de Castro e outros que influenciaram na formação da primeira geração de jovens artistas goianos, dentre os quais se destacam com atuação ainda hoje, os nomes de Maria Guilhermina, Ana Maria Pacheco, Iza Costa, Saída Cunha, Alcione Guimarães, entre outros. A presença de Frei Nazareno Confaloni se destaca como um dos personagens centrais desse processo de mudanças, contribuindo, sem dúvida, com os demais professores e artistas ligados ao ensino de arte. Goiânia é hoje referência nacional no campo das atividades artísticas e do ensino de artes em Geral, com destaque no campo das artes visuais, de onde emergem expressivos artistas com projeção no cenário nacional e internacional, a exemplo de Siron Franco e Ana Maria Pacheco.

J.S.V. O que você acha que Confaloni valorizava no seu processo de pintura?

E.V. Em seu processo de pintura, Confaloni valorizou sempre a boa técnica e a constante pesquisa de novos meios de expressão, conciliando tradição e inovação no seu já mencionado sincretismo estético. Por essa razão podemos considerá-lo um clássico

moderno, tal como o foram Portinari e outros artistas inovadores, que no entanto não se limitaram ao modismo nem ao mero experimentalismo formal.